

Universidade Estadual do Norte do Paraná

Repositório Institucional UENP

<https://repositorio.uenp.edu.br>

Programa de Pós-Graduação em Ensino

Produtos educacionais

2021

Pluralidade religiosa no Brasil: caderno do professor

CARRAPEIRO, Ana Paula Fantineli

Universidade Estadual do Norte do Paraná

<https://repositorio.uenp.edu.br/handle/123456789/624>

Baixado de Repositório Institucional UENP



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE
DO PARANÁ**

Campus Cornélio Procópio

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO**

ANA PAULA FANTINELI CARRAPEIRO

PRODUÇÃO TÉCNICA TECNOLÓGICA

**PLURALIDADE RELIGIOSA NO BRASIL: CADERNO DO
PROFESSOR**

**RELIGIOUS PLURALITY IN BRAZIL: TEACHER'S
NOTEBOOK**

ANA PAULA FANTINELI CARRAPEIRO

PRODUÇÃO TÉCNICA TECNOLÓGICA

PLURALIDADE RELIGIOSA NO BRASIL: CADERNO DO PROFESSOR

RELIGIOUS PLURALITY IN BRAZIL: TEACHER'S NOTEBOOK

Produção Técnica Tecnológica apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Norte do Paraná – Campus Cornélio Procópio, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino.

Área de concentração: Ensino Religioso.

Orientadora: Profa. Dra. Letícia Jovelina Storto.

Ficha catalográfica elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UENP

CC312p CARRAPEIRO, ANA PAULA FANTINELI
PLURALIDADE RELIGIOSA NO BRASIL: CADERNO DO
PROFESSOR / ANA PAULA FANTINELI CARRAPEIRO;
orientadora Leticia Jovelina Storto - Cornélio
Procópio, 2021.
57 p. :il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino) -
Universidade Estadual do Norte do Paraná, Centro de
Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós
Graduação em Ensino, 2021.

1. Ensino Religioso. 2. Pluralidade Religiosa. 3.
Caderno do Professor. I. Storto, Leticia Jovelina ,
orient. II. Título.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Grupos Étnicos que Compõem a Nação Brasileira	17
Figura 2 - Contribuição dos Povos Africanos no Esporte	18
Figura 3 - Contribuições dos Povos Africanos na Alimentação	18
Figura 4 - Contribuição dos Povos Africanos na Música	19
Figura 5 - Tradição Oral	34
Figura 6 - Tradições Escritas.....	34

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Descrição das religiões	23
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CF	Constituição Federal
CREP	Currículo da Rede Estadual Paranaense
DCE	Diretrizes Estaduais do Paraná
ER	Ensino Religioso
LS	Linguagens Sagradas
PPGEN	Programa de Pós-Graduação em Ensino
PTT	Produção Técnica Tecnológica
RCP	Referencial Curricular do Paraná (RCP)
SARs-CoV-2	Síndrome Respiratória Aguda Grave do Coronavírus 2
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UENP	Universidade Estadual do Norte do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
REFLEXÕES TEÓRICAS AO PROFESSOR DE ENSINO RELIGIOSO	12
Caderno do professor: ensino religioso	15
UNIDADE 1: PLURALIDADE ÉTNICA E CULTURAL	15
Introdução	15
Desenvolvimento da Atividade 1	16
Recomendações aos professores	16
Desenvolvimento da Atividade 2	20
Critérios e instrumentos de avaliação.....	21
UNIDADE 2: A DIVERSIDADE RELIGIOSA BRASILEIRA.....	23
Introdução	23
Desenvolvimento da atividade 2.....	26
Critérios e instrumentos de avaliação.....	27
UNIDADE 3: LINGUAGENS SAGRADAS	29
Introdução	29
Desenvolvimento da atividade 1	30
Recomendações aos professores	30
Desenvolvimento da atividade 2.....	35
Critérios e instrumentos de avaliação.....	36
Bibliografia Recomendada	37
UNIDADE 4: MITOS DE ORIGEM	38
Introdução	38
Desenvolvimento da Atividade 1	38
Recomendações aos professores para realização da atividade	39
Atividade de Fixação da Aprendizagem	41
Desenvolvimento da Atividade 2	42
Recomendações aos professores para realização da atividade	42
Critérios e instrumentos de avaliação.....	49
REFERÊNCIAS.....	51

Produção Técnica Tecnológica



PLURALIDADE RELIGIOSA NO BRASIL: CADERNO DO PROFESSOR

Tradição Religiosa
Direitos Humanos **Cultura**
Diversidade **Iorubá**
Babalorixá **Aprendizagem**
Ensino Religioso
Indígena **Sagrado** **Candomblé**
Mitos **Pluralidade** **Tradição Escrita**
Tradição Oral **Afro-descendente**
Linguagem Sagradas

3 CADERNO DO PROFESSOR: ENSINO RELIGIOSO

INTRODUÇÃO

Ponderar sobre o processo de aprendizagem é comum na rotina dos professores brasileiros e essas reflexões proporcionam uma melhora nas práticas de ensino. Para desenvolver a pesquisa, apoiamos-nos nas ideias de Tardif (2012) e Nóvoa (2009), os quais afirmam que os professores devem participar das produções de materiais didáticos, uma vez que eles conhecem a realidade local com muito mais intensidade do que qualquer outra pessoa.

Tardif (2012) destaca, ainda, a importância de o professor desenvolver recursos didáticos dentro do ambiente que leciona, argumentando que o docente deve ser pesquisador e produtor das produções didáticas. Assim, os mestrados profissionais em educação e ensino vão ao encontro desse pensamento, pois propõem a Produção Técnica Tecnológica pelos mestrados, que estão inseridos no ambiente escolar, oferecendo a produção do conhecimento, da prática, da realidade e a imersão no mundo da pesquisa.

A presente Produção Técnica Tecnológica (doravante PTT), construído no interior do Programa de Pós- Graduação em Ensino (PPGEN), Mestrado Profissional, da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), *campus* de Cornélio Procopio, resultante dos estudos e pesquisas que foram desenvolvidas ao longo de um ano, constituindo-se em um Caderno do Professor, que contribui como instrumento mediador do processo de aprendizagem do componente curricular do Ensino Religioso (doravante ER).

Vale ressaltar que o objetivo central deste Caderno do Professor é o “Ensino Religioso”, sendo este, parte integrante de um trabalho maior que é a Dissertação. O objetivo do Caderno do Professor é a aprendizagem de conteúdos referentes ao componente curricular do ER. Deste modo, o presente PTT apresenta

seu foco no aprendizado dos conceitos da disciplina de ER, desvinculando-se de qualquer outro objetivo de uso.

A justificativa do desenvolvimento deste estudo respalda-se no fato de que há poucas pesquisas para apoiar o professor no processo de aprendizagem desse componente curricular (STORTO; CARRAPEIRO, 2019).

A pesquisa foi desenvolvida com alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental, e o motivo da escolha dessa escola e turma se deu pelo fato de a pesquisadora ser lotada neste estabelecimento de ensino e ser professora efetiva da turma¹. A pesquisa foi estruturada por um sólido aporte teórico, que se encontra presente na Dissertação, o qual fundamentou todo o entendimento sobre a presença e a importância do ER no Brasil, destacando-se: Junqueira (2007; 2008); Mota (2015); Romanelli (2013); Corrêa e Holanda (2007); Azevedo (1976); Saviani (2008); Alves e Gil (2005) entre outros. A pesquisa possui documentos e aportes legais, como a CF; BNCC, RCP e outros documentos oficiais como leis, resoluções, instruções normativas, todos dispostos na Dissertação.

O Caderno do Professor está respaldado em documentos normativos, como o Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP), que apresenta direitos, orientações e conteúdos essenciais a serem trabalhados. Dessa forma, “[...] os conteúdos sugeridos expressam os conhecimentos para atingir os objetivos de aprendizagens indicados no Referencial.” (PARANÁ, 2018, p. 2).

O Caderno do Professor está estruturado em quatro Unidades de Aprendizagem. As atividades se iniciam com a primeira aula, na qual foi apresentada a proposta de pesquisa; foram assinados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)² e assentimentos; também foi implementada uma avaliação diagnóstica para obter os conhecimentos que os alunos possuíam sobre o ER. Vale ressaltar que, o Caderno do Professor se fundamenta em pesquisas realizadas pela autora sobre a temática, todas dispostas na Dissertação e em sua experiência profissional.

A primeira Unidade tem como tema “Pluralidade Étnica e Cultural” e

¹ Dados complementares sobre a caracterização da instituição e da pesquisa encontram-se nos Procedimentos Metodológicos do *Paper 4*. O trabalho foi aprovado pelo Conselho Estadual de Pesquisa (CEP), da UENP no dia 11/12/2019, pelo Parecer nº 3.761.167, sendo que, dentro dos critérios de aprovação ficou definido que não seriam oferecidos dados de identificação dos participantes e da instituição.

² O TCLE encontra-se no APÊNDICE 1.

objetiva abordar a heterogeneidade cultural do povo brasileiro, bem como o respeito a diferentes culturas. Os objetivos de aprendizagem propõem instruir os alunos a identificar e a respeitar a pluralidade cultural e étnica do povo brasileiro.

A segunda Unidade tem como tema “A Diversidade Religiosa Brasileira” ela visa desenvolver atitudes de respeito e tolerância frente à religiosidade brasileira. Os objetivos de aprendizagem propõem instruir os alunos a conhecer as organizações religiosas indígenas e afrodescendentes; compreender como se estruturam as tradições religiosas no Brasil (matriz indígena e africana); reconhecer a diversidade religiosa presente no Brasil e conhecer as diversas organizações religiosas, buscando desenvolver atitudes de respeito.

A terceira Unidade aborda as “Linguagens Sagradas” ela tem como objetivos de aprendizagem: identificar textos orais e escritos em diferentes organizações religiosas; perceber a diversidade das linguagens sagradas e a importância que cada religião emprega em seus textos sagrados.

A quarta Unidade tem como tema “Mitos de Origem”, os objetivos de aprendizagem desta unidade são conhecer a função e a importância dos mitos e textos sagrados orais e escritos; identificar mitos de criação em textos sagrados orais e escritos nas culturas indígenas e afrodescendentes e perceber a diversidade de linguagens sagradas e as diversas formas de explicar alguns fenômenos.

As Unidades são compostas de orientações aos professores de como proceder com as atividades e quais objetivos a atividade se propõe a alcançar. Além disso, elas também se compõem de atividades de fixação e reflexão, critérios e instrumentos de avaliação para a aferição da aprendizagem e autoavaliação. Cada Unidade utilizou em média de quatro a cinco aulas com duração de 50 minutos.

O Caderno do Professor objetiva, além do ensino do componente curricular da disciplina ER, também desenvolver nos estudantes a prática de leitura, análise, discussão do assunto, visando desenvolver nos discentes a leitura crítica dos temas abordados, subsidiado por princípios éticos e científicos.

As atividades foram confeccionadas partindo da observação da autora a respeito daquilo que, de fato, era mais atrativo aos alunos, na faixa etária de 11 a 13 anos. Todas as atividades apresentam momentos de correção e avaliação que, segundo Hoffmann (1996), devem ocorrer durante todo o processo de ensino e aprendizagem. Ainda, segundo a autora, são elas que oferecem suporte ao professor para perceber as dificuldades dos alunos e ajudam na avaliação de seu

trabalho, bem como, na reformulação de uma nova proposta, caso a utilizada não esteja apresentando efetividade.

As atividades propostas se compõem de: vídeos, pesquisas, imagens, atividades de colagens, recorte, criação de texto, compreensão de textos, atividades de reflexão e atenção. Vale ressaltar que todos os recursos citados acima são instrumentos mediadores, para que o aprendizado do componente curricular do ER se efetive.

O Caderno do Professor propõe que, ao final de cada Unidade, sejam realizadas atividades com devolutivas, coletivas e individuais, visando apontar as dúvidas e curiosidades que podem surgir durante a aula.

Este Caderno do Professor foi destinado a uma turma do sétimo ano do curso do Ensino Fundamental de uma escola pública no Estado do Paraná, não havendo impedimento de ser utilizado em outros cursos ou anos e, nesse caso, as atividades podem ser adaptadas de acordo com o interesse do professor, considerando o contexto e o público-alvo.

O Caderno do Professor foi organizado com base em documentos normativos como a BNCC (BRASIL, 2018) e o RCP (BRASIL, 2018). As Unidades de aprendizagem propostas no Caderno do Professor apresentam: tema, objetivo, conteúdos, materiais, tempo, detalhamento das tarefas e avaliação. Diante do exposto, o Caderno do Professor configura-se em atividades organizadas de forma sequencial, visando um aprofundamento da temática sobre a pluralidade religiosa no Brasil.

O PTT foi organizado para ser implementado de forma presencial, entretanto por conta da pandemia causada pelo SARS-COV-2, agente etiológico da covid-19, no ano de 2020³, foram implementadas medidas de enfrentamento que suspenderam as aulas presenciais em 20 de março de 2020, pelo Decreto 4230⁴. As aulas retornaram no dia 06 de abril de 2020 de forma remota. A partir dessa data, a implementação do PTT teve que ser adaptada para a educação remota, via sala virtual *Google Sala de Aula*.

³ As informações sobre a pandemia estão dispostas na introdução da Dissertação.

⁴ Decreto 4230, do governo do Paraná, que dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do novo coronavírus, causador da COVID-19.

Devido à mudança para o ensino remoto, foram necessárias algumas adaptações, com a finalidade de inserir o Caderno na nova proposta de ensino virtual. A principal adaptação foi em relação aos exercícios, que devido à falta de conhecimento tecnológico e ferramentas tecnológicas eficientes, por parte dos alunos, só foi possível implementá-los por meio de formulários com questões abertas e fechadas.

REFLEXÕES TEÓRICAS AO PROFESSOR DE ENSINO RELIGIOSO⁵

O texto a seguir apresenta algumas reflexões básicas sobre a temática das Unidades I, II, III e IV, com o intuito de orientar os professores, para que entendam como dar os devidos encaminhamentos na sala de aula. A primeira Unidade de ensino tem como tema “Pluralidade Étnica e Cultural”, sobre as quais se elencam algumas reflexões no entorno da temática. A composição étnica e cultural do povo brasileiro foi construída diante de muita diversidade, devido a miscigenação de povos construída no Brasil em seus diversos períodos históricos. Assim sendo, pode-se afirmar que, devido a construção histórica, o Brasil foi se delineando como um grande mosaico cultural e linguístico.

Segundo Cecchetti (2008), a pluralidade cultural se faz um mecanismo valioso, capaz de criar instrumentos que conduzam a formação das identidades individuais e coletivas, sendo uma fonte inesgotável de desenvolvimentos e aprendizado.

No Brasil, na época do descobrimento, havia cerca de 5 milhões de indígenas, que aos poucos foram sendo escravizados e, conseqüentemente, foram absorvendo culturas externas. O preço a ser pago é que, nos dias atuais, existe uma descaracterização cultural e biológica destes povos. Devido à mestiçagem, os descendentes destes povos têm dificuldade em se reconhecer como etnia, sendo dado a eles somente o título de brasileiros (PEREIRA, 2013).

⁵ Essas reflexões teóricas estão direcionadas ao professor que poderá implementar o Caderno do Professor em seu contexto de sala de aula. Essas informações servem para situá-lo acerca dos assuntos abordados nas atividades.

Os povos africanos também contribuíram significativamente com a cultura e heterogeneidade do povo brasileiro, eles foram trazidos ao Brasil no período da escravidão, compondo cerca de 3 a 18 milhões de africanos, que chegaram ao país entre os séculos XVI e XIX. Vale ressaltar que, esses povos foram aprisionados ainda em suas terras, jogados à pura sorte em um navio vivendo, uma situação sub-humana por toda a viagem. Muitos morreram no caminho e os que conseguiram chegar foram explorados, e descaracterizados de toda sua essência humana, produzida por toda sua vida cultural e social em sua terra natal (PEREIRA, 2013).

Tanto os indígenas quando os africanos escravizados construíram suas vidas em meio a adversidades, exploração e negação de suas raízes. Diante destes dados, é necessário estabelecer uma dinâmica de valorização ética e cultural, uma vez que suas identidades não devem ser negadas e sim, valorizadas. O Caderno do Professor propõe uma valorização destes povos, com o intuito de desenvolver nos estudantes uma visão de que esses povos lutam para serem valorizados, como colaboradores da nação brasileira, assumindo, assim, posição de protagonismo (PEREIRA, 2013).

Na Unidade II, o tema abordado se constitui no tema “A diversidade religiosa brasileira”, com foco nas tradições religiosas de matrizes africana e indígena. Segundo Cecchetti e Oliveira (2015, p.183), a diversidade religiosa na sociedade brasileira sempre “[...] foi combatida, perseguida e invisibilizada em nome de um processo colonizador calcado na supremacia da cultura europeia e da universalidade do Cristianismo [...]”. Diante do exposto, pode-se concluir que as minorias étnicas são entendidas como elementos que devem ser deixados à margem, ou mesmo, combatidos, sendo que tais atos foram realizados em nome de uma filosofia civilizatória excludente. Para melhor instrumentalizar os professores, seguem algumas informações sobre as religiões presentes no Caderno do Professor (candomblé, umbanda e tradições religiosas indígenas).

O candomblé e a umbanda estão presentes no Brasil e compõem a diversidade religiosa brasileira, as duas são tradições religiosas marcadas pela oralidade, nas quais o aprendizado é oferecido por meio de práticas no terreiro. Dentre essas duas tradições religiosas, o candomblé é mais antigo, sendo uma junção das práticas e cultos que foram trazidos pelos africanos. Em seus rituais, são presentes danças, música e oferendas. Os sacerdotes são denominados de

Babalorixá e Yalorixá e acreditam na imortalidade da alma e na reencarnação (SILVA, 2005).

O termo umbanda é permeado por diversas interpretações. Para o Dicionário Online da Língua Portuguesa, o termo “Umbanda” designa cultos afro-brasileiros, tendo o significado “Grão-sacerdote, adivinho, médico-feiticeiro”, também apresenta algumas denominações como a “arte de curar e conjunto de leis divinas” (ITAOMAN, 1990; BANDEIRA, 1970), enfim, o termo apresenta múltiplas interpretações.

Segundo Silva (2005), a umbanda foi criada no Brasil no século XX, pelo médium Zélio Fernandino de Moraes, ela é resultado do sincretismo entre o catolicismo, espiritismo, tradições indígenas e africanas. A umbanda tem a crença na existência de um deus soberano e orixás, essa tradição religiosa acredita na reencarnação, na imortalidade da alma, no carma e também em guias (entidades). As cerimônias religiosas são compostas de cânticos, música e consumo de alimentos e os sacerdotes nos terreiros são denominados Pai de Santo e Mãe de Santo.

Na Unidade III, o tema abordado é “As Linguagens Sagradas”. Segundo Berkenbrock (2019), existem tradições religiosas que se utilizam de escrituras sagradas, que são um aglomerado de textos, entendidos como instrumento dos ensinamentos sagrados, reconhecidos pelos integrantes da religião como verdade. Ainda, a respeito dos textos sagrados escritos, é importante relatar que, normalmente, são atribuídos como revelação divina a seres humanos.

O autor ainda relata que, existem outras formas de transmissão dos conhecimentos sagrados também muito utilizadas, como a transmissão oral. Nessa forma, cabe a cada indivíduo a transmissão dos ensinamentos, cabendo a todos os membros a responsabilidade de transmitir os ensinamentos sobre o sagrado. O candomblé e a umbanda são consideradas religiões que utilizam a tradição oral, nelas não há nenhum texto que seja considerado referência e sirva de base filosófica. Os conhecimentos religiosos são repassados por um processo de iniciação, que os adeptos vão aprendendo sobre a religião, conforme participam das cerimônias e rituais (BERKENBROCK, 2019).

Na Unidade IV, o tema abordado se refere a “Mitos de Origem”. Segundo Gaarder, Hellern, Notaker (2005), os mitos sempre procuram ensinar algo, eles são respostas para indagações fundamentais que desde os primórdios são

motivo de inquietação dos seres humanos. Os mitos estão associados de forma direta ao sagrado, geralmente, são acompanhados por ritos e explicam acontecimentos que deram início ao mundo e ao homem, visando uma explicação da existência humana.

CADERNO DO PROFESSOR: ENSINO RELIGIOSO

UNIDADE I PLURALIDADE ÉTNICA E CULTURAL



Introdução

Nesta primeira Unidade, serão abordados assuntos referentes à pluralidade étnica e cultural que compõe a nação brasileira. Todas as atividades seguem a orientação do Referencial Curricular do Paraná (RCP) (PARANÁ, 2018) e são pautadas nas ideias de Hoffmann (1996), que entende a avaliação como um instrumento de regulação da aprendizagem.

Apresenta como conteúdo a heterogeneidade cultural do povo brasileiro e o respeito a diferentes culturas, com ênfase nas religiões de matriz africana⁶ e indígena. A Unidade de aprendizagem tem como tema Identidades e alteridades, os objetos de conhecimento são os espaços e territórios religiosos e os objetivos da aprendizagem são: reconhecer a pluralidade cultural do povo brasileiro e respeitar a diversidade cultural e étnica que compõe a nação brasileira.

⁶ LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm>. Acesso em: 07 de maio de 2020.

Desenvolvimento da Atividade 1

Duração: 2 aulas de 50 minutos.

Organização dos estudantes: Em grupos de quatro alunos.

Recursos e materiais necessários: Projetor de imagens, lousa, giz, caderno dos alunos para anotação.

Recomendações aos professores:



Caro professor, a aula deve se iniciar com um debate (cerca de 20 minutos). O assunto abordado será sobre a composição étnica do povo brasileiro, o debate deve partir do questionamento apresentado pelo professor.

Quais grupos étnicos compõem a nação brasileira?



1.

Segue abaixo um modelo que poderá ser adaptado conforme a necessidade do professor: (**ANEXO A⁷**).

⁷ Todos os APÊNDICES e ANEXOS estão presentes na Dissertação.

Figura 1 - Grupos Étnicos que Compõem a Nação Brasileira



Fonte: Minutobiomedicina (2017)⁸.

O que se espera com essa atividade?



Que os alunos reflitam sobre a composição étnica do povo brasileiro. A resposta esperada para o eslaide 1 é: brancos, negros, orientais e indígenas, mas poderão aparecer outros levantamentos.

Todos os apontamentos levantados pelos alunos deverão ser trabalhados pelo professor que estiver conduzindo o debate. Em seguida, o professor apresenta os outros eslaides (ANEXOS B e C).

⁸ Disponível em: <<http://www.minutobiomedicina.com.br/uploads/posts/1085/analise-genetica-traz-dados-ineditos-sobre-a-miscigenacao-brasileira.jpg>>. Acesso em: 07 de maio de 2020.

Figura 2 - Contribuição dos Povos Africanos no Esporte



Fonte: Melo (2015)⁹.

Figura 3 - Contribuições dos povos Africanos na Alimentação



Fonte: Lissi; Palharini; Moreira (2011)¹⁰.

Após a apresentação dos eslaides o seguinte questionamento deve ser levantado: Qual a contribuição do povo africano para a formação da nação brasileira? Seguem algumas sugestões de respostas:

Na dança e música, ambá, afoxé, maracatu, congada, lundu e a capoeira, são exemplos da influência africana na música e dança brasileira, que permanecem até os dias atuais (ANEXO D). Na culinária os africanos trouxeram diversos pratos e ingredientes muito apreciados, como: pimenta, feijoada, angu, pirão, vatapá, acarajé, pamonha, mugunzá, caruru, quiabo e chuchu, leite de coco e o azeite de dendê.

⁹ Disponível em: <<https://www.estudokids.com.br/a-influencia-africana-na-cultura-brasileira/>>. Acesso em: abr. 2020.

¹⁰ Disponível em: <<https://bqafrica.wordpress.com/atividade-2/>>. Acesso em: maio 2020.

Figura 4 - Contribuição dos Povos Africanos na Música

Fonte: Narn (2016)¹¹.

Quanto à influência africana na linguagem, o professor pode apresentar algumas palavras do vocabulário brasileiro, que possuam origem africana ou refiram-se a alguma prática desenvolvida pelos africanos escravizados que vieram para o Brasil durante o período colonial e imperial. Seguem algumas sugestões:

Moleque, quiabo, fubá, caçula, angu, cachaça, dengoso, quitute, berimbau e maracatu.

Após o debate e apresentação dos eslaides, todos os levantamentos (palavras ditas pelos alunos) deverão ser escritos na lousa, para que seja possível a visualização das contribuições culturais trazidas por outros povos.

O que se espera com essa atividade?



Que os alunos consigam refletir sobre a influência e a contribuição do povo africano para a cultura brasileira.

A seguir deve ser apresentado o vídeo “Cultura brasileira herança de outros povos”, disponível em <<https://youtu.be/v46R9cgLkkg>>. Esse vídeo apresenta imagens sobre a composição da herança cultural brasileira e como a nação

¹¹ Disponível em: <<http://pornarnia0.blogspot.com/2016/07/cultura-brasileira.html>>. Acesso em: maio 2020.

brasileira foi influenciada por outras culturas.

Após a apresentação do vídeo e sua discussão, os alunos deverão responder em seu caderno ou em folha impressa a pergunta:

Onde você percebe a influência de outras nações em sua vida?

Objetiva-se que os alunos consigam perceber a influência dos diversos povos na composição de sua cultura e modo de viver, que os alunos compartilhem suas experiências pessoais e reflitam sobre a pluralidade cultural do povo brasileiro.

Os alunos serão convidados a realizar a leitura de suas respostas, com o objetivo de ampliar o conhecimento e discutir a importância dos diversos povos na formação da cultura brasileira.

Desenvolvimento da Atividade 2

Duração: 2 aulas de 50 minutos.

Organização dos estudantes: Em grupos de quatro alunos.

Recursos e materiais necessários: revistas, jornais, colas, tesouras, projetor de imagens, cartolinas.

Recomendações aos professores:



Após análise e reflexão dos alunos sobre o vídeo apresentado, distribua revistas diversas e peça aos estudantes para selecionarem e recortarem imagens com rostos, comidas, vestimentas, arquitetura, linguagem que representem a diversidade cultural brasileira. Após os recortes das imagens, elas deverão ser coladas em um cartaz. No fim da aula, o cartaz deverá ser colocado em um espaço comum a todos.

Para finalizar a atividade, encerra-se a aula com um debate sobre a miscigenação do povo brasileiro, evidenciando a contribuição dos povos para a

formação da cultura brasileira. Ao final da Unidade, encontram-se recomendações de bibliografias para dar suporte ao trabalho do professor. Seguem abaixo algumas questões que podem ser debatidas:

Sugestões de questões a serem debatidas:

- Qual a importância da miscigenação cultural na sociedade brasileira?
- Quais são os benefícios que os africanos trouxeram para o Brasil?

Critérios e instrumentos de avaliação

Os critérios de avaliação deverão considerar a capacidade do aluno de entendimento do assunto, no caso, a composição plural da nação brasileira e, o desenvolvimento da capacidade de dialogar de forma crítica e com boa argumentação sobre o assunto. O professor deve ficar atento se os alunos no decorrer das atividades, bem como ao final, conseguiram perceber e refletir sobre: a importância das migrações para a formação cultural do povo brasileiro, as diferentes culturas e suas particularidades.

Os instrumentos utilizados para aferição da aprendizagem são: participação em debates, questões dissertativas e composição de cartazes. Caso os alunos, ao fim de todo o processo de ensino e aprendizagem desta Unidade, não tenham assimilado os conteúdos propostos, o professor deverá oferecer uma retomada de conteúdos, de maneira individualizada. As atividades poderão ser refeitas e complementadas com pesquisas sobre os assuntos abordados, e deverão ser realizadas em forma de tarefa de casa e entregues ao professor para correção.

É possível propor algumas questões de autoavaliação (APÊNDICE C). Desta forma, os discentes podem refletir sobre seus atos e conseguem mensurar seu desempenho. Segue modelo abaixo.



Marque um (X) na alternativa que corresponde a seu envolvimento na aula

e responda as questões:

1) Qual sua porcentagem de participação no curso?

() Menos de 50%

() Mais de 50%

() Mais de 75%

2) Se sua resposta na questão 1 foi menos de 50%. Descreva motivo?

R.

3) Você se dedicou ao estudo da disciplina mais de 1 hora por semana?

() Sim

() Não

4) Você participou de todas as atividades propostas pelo ambiente remoto de aprendizagem?

() Sim

() Não

5) Se sua resposta na questão 4 foi não. Descreva o motivo.

R.

6) No decorrer das aulas, vocês perceberam a necessidade de ter conhecimentos prévios para melhor entender o conteúdo apresentado?

() Sim

() Não

7) Você teve dificuldade em entender algum conteúdo?

() Sim

() Não

Fonte: A autora (2021).

Bibliografia Recomendada:

REZENDE, J. **Diversidade religiosa e direitos humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil**. 3º ed. Ed. Global, São Paulo, 2015.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870 – 1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VIANA, O. **Evolução do Povo Brasileiro**. 4.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956

UNIDADE II

A DIVERSIDADE RELIGIOSA BRASILEIRA



Introdução

Nesta Unidade, serão abordados assuntos referentes à religiosidade brasileira. Todas as atividades seguem a orientação do Referencial Curricular do Paraná (RCP) (PARANÁ, 2018) e são pautadas nas ideias de Hoffmann (1996), que entende a avaliação como um instrumento de regulação da aprendizagem.

A Unidade de estudo refere-se às manifestações religiosas (matrizes: indígena e africana), cujo objeto de conhecimento são as organizações religiosas e os objetivos de aprendizagem são: conhecer as organizações religiosas; compreender como se estruturam as tradições religiosas no Brasil; reconhecer a diversidade cultural e religiosa presente no Brasil. Os conteúdos abordados são as organizações religiosas, suas características e especificidades nos espaços de vivência.

Recomendações aos professores:



Para a primeira atividade será necessária a organização antecipada de folhas impressas com a descrição das religiões: candomblé, umbanda e tradições religiosas indígenas. Como modelo segue o quadro abaixo (APÊNDICE D).

Quadro 1 - Descrição das religiões

Religiões	Descrição
Candomblé	Religião de origem africana, que foi trazida para o Brasil com os negros africanos escravizados entre os séculos XVI e XIX, para Biaca (2006 p. 55) “[...] os navios negreiros traziam mais do que africanos para trabalhar, em seus porões viajava também toda a cultura dessas pessoas, incluindo a religião”.

	<p>“O Candomblé pode ser considerado um conjunto de experiências religiosas, de manifestações do sagrado por meio de suas experiências simbólicas, de seus orixás, de suas oferendas e de seus terreiros” (PARANÁ, 2013, p. 47).</p> <p>Segundo Berkenbrock (2019) o candomblé transmite seus ensinamentos pela tradição oral, por meio de rituais, de símbolos, de gestos, de cores, de músicas que constroem no fiel a compreensão da religião. O aprendizado baseia-se em momentos experienciais, são histórias contadas que podem ser chamadas de mitos ou lendas denominadas pelo povo praticante de Itã, que são as histórias dos porquês das coisas.</p> <p>Para seus seguidores, os orixás são os deuses supremos e têm relação com a natureza. Os babalorixás (homens) e ialorixás (mulheres) são os líderes religiosos que no Candomblé têm seus herdeiros, desta forma, quando um líder morre outro assume a chefia do culto seguindo o testamento deixado pelo antecessor.</p> <p>Os rituais dessa religião são realizados pelo pai ou mãe de santo, com ritmo de dança com tambores.</p>
Umbanda	<p>A Umbanda surgiu do sincretismo (mistura) dos ritos africanos, crenças católicas, espíritas e pajelança indígena, entre outros. É uma religião que foi constituída no Brasil. O termo Umbanda significa “do lado de Deus”, “do lado do bem”. Os líderes religiosos podem ser homens (babalorixá) ou mulheres (ialorixás), são também denominados pais e mães- de-santo, são eles que fazem o intermédio entre os seres humanos e os Orixás, que são divindades e correspondem às forças da natureza (BIACA, 2006).</p>

Indígenas	<p>As tradições religiosas indígenas possuem diferentes crenças, isso porque cada nação indígena possui tradição de crença própria, com seus ritos, cantos, danças, símbolos, pinturas corporais e mitos. Nas práticas religiosas indígenas há ritos com entonação de cantos, danças, bebida. As cerimônias são normalmente guiadas pelos xamãs (sacerdotes ou curandeiros), que passam por rituais de iniciação em contato com o mundo dos espíritos por meio de prolongados tabus alimentares, isolamento, ingestão de bebidas.</p> <p>Os xamãs são considerados detentores da sabedoria dos antepassados, esses ensinamentos são repassados por meio de mitos e histórias (BIACA, 2006).</p>
-----------	---

Fonte: A autora (2021).

O professor deve iniciar a aula explanando sobre as diversas religiões existentes no Brasil, pode relatar sobre a importância do respeito a cada tradição religiosa e como elas interferem na forma de viver das pessoas. Pode também perguntar aos alunos quais religiões conhecem e realizar anotações na lousa.

Após o fim do levantamento, o professor introduz uma reflexão sobre a origem das religiões citadas pelos alunos. Se as tradições religiosas foram introduzidas por imigrantes, por negros africanos no período da escravidão ou por indígenas.

Sugestões de questões a serem debatidas:

Quais religiões vocês conhecem?

As religiões citadas anteriormente foram trazidas ao Brasil por quem?

Dentre as religiões citadas anteriormente qual delas já estava presente no Brasil?

Em que contribuíram com a nação brasileira? (material / imaterial)

Atividade

Em seguida, distribua as folhas impressas com a descrição das religiões e peça aos alunos, que estarão separados em grupos, para colocarem o nome da religião que eles acreditam corresponder à descrição. Importante ter discutido previamente o assunto. Os alunos deverão realizar o trabalho coletivamente e, após o término do trabalho, serão expostas as atividades dos grupos.

O que se espera com essa atividade?



Que os alunos ampliem seus conhecimentos do mundo religioso; discuta e defenda seu ponto de vista; entenda que existem várias formas de entender o sagrado; consigam trabalhar em grupo.

Desenvolvimento da Atividade 2

Duração: 01 aula de 50 minutos.

Organização dos estudantes: atividade realizada individualmente.

Recursos: Projetor de imagens, sulfites impressos, laboratório de informática ou celulares dos próprios alunos.

Recomendações aos professores:



A segunda atividade tem o objetivo de ampliar os conhecimentos sobre a diversidade religiosa e o entendimento acerca do sagrado, bem como compreender como se estruturam as tradições religiosas.

Após análise e discussão dos tópicos citados acima, o professor deve passar o vídeo sobre o candomblé disponível em <https://youtu.be/-ij4j1Qe1pw>. Esse

material faz uma descrição sobre a introdução do candomblé no Brasil, apresenta como se estrutura essa tradição religiosa, apresenta um terreiro, vestimentas próprias para as cerimônias, as características de cada orixá e um relato pessoal de um membro sobre sua introdução nesta tradição religiosa.

Após a apresentação, o professor deve realizar uma conversa com os alunos, para que eles possam expor suas dúvidas e curiosidades sobre o vídeo apresentado.

Após a exibição do vídeo, o professor deve propor aos alunos que se organizem em dupla para realizarem uma pesquisa (no laboratório de informática ou por meio do celular dos alunos) sobre a composição e a hierarquia de um terreiro dentro do candomblé. Seguem algumas sugestões para a pesquisa:



Descreva a função de cada membro dentro da hierarquia de um terreiro.

Babalorixá; Ialorixá; Ogã Kalofé; Ogã-nilu; Ogã-alabê; Axogum; Ebômi; Equede; Ialô; Ialaxé; Iabassé; Peji-gã; Exi de Orixá.

Ao término da pesquisa, os alunos deverão entregar a atividade ao professor para correção. Após a correção, se necessário, pode ser realizada uma retomada de conteúdo, por meio de conversas particulares para sanar as dificuldades pontuais. As pesquisas deverão ser expostas em espaço comum a todos. Ao final da Unidade encontram-se recomendações de bibliografias para dar suporte ao trabalho do professor.

Critérios e instrumentos de avaliação

Os critérios de avaliação deverão levar em conta a capacidade do aluno de entendimento do assunto, no caso, se foi capaz de conhecer e compreender como se estruturam as tradições religiosas no Brasil (matriz indígena e africana), bem como o desenvolvimento da capacidade de dialogar de forma crítica e com boa argumentação sobre o assunto.

O professor deverá ficar atento se os alunos, no decorrer e no final das atividades, conseguiram perceber e refletir sobre: as diferentes culturas e suas particularidades; a multiplicidade religiosa do povo brasileiro, suas características e especificidades.

Os instrumentos utilizados para aferição da aprendizagem são: participação em debates e realização de pesquisas. Caso os alunos, ao final de todo o processo de ensino e aprendizagem desta Unidade, não tenham assimilado os conteúdos propostos, o professor deverá oferecer uma retomada de conteúdos, de maneira individualizada, as atividades poderão ser refeitas e complementadas com pesquisas sobre os assuntos abordados, em forma de tarefa de casa e entregue ao professor para correção. É possível propor algumas questões de avaliação do ensino e aprendizagem. Desta forma, os discentes podem refletir sobre seus atos para mesurar seu desempenho. (APÊNDICE C).



Autoavaliação

Marque um (X) na alternativa que corresponde a seu envolvimento na aula e responda as questões:

1) Qual sua porcentagem de participação no curso?

() Menos de 50%

() Mais de 50%

() Mais de 75%

2) Se sua resposta na questão 1 foi menos de 50%, descreva o motivo.

R.

3) Você se dedicou ao estudo da disciplina mais de 1 hora por semana?

() Sim

() Não

4) Você participou de todas as atividades propostas pelo ambiente remoto de aprendizagem?

() Sim

() Não

5) Se sua resposta na questão 4 foi não, descreva o motivo.

R.

6) No decorrer das aulas, você percebeu a necessidade de ter conhecimentos prévios para melhor entender o conteúdo apresentado?

() Sim

() Não

7) Você teve dificuldade em entender algum conteúdo?

() Sim

() Não

Bibliografia Recomendada:

BIACA, V. *et al.* **Caderno pedagógico: o sagrado no ensino religioso.** Curitiba: Seed-PR.2006.

BASTILE, R. **As religiões africanas do Brasil.** São Paulo: Livraria Pioneira editora, 19

UNIDADE III LINGUAGENS SAGRADAS



Nesta terceira Unidade, serão abordados assuntos referentes às linguagens sagradas, especificamente aos textos orais e escritos. Todas as atividades seguem a orientação do RCP. A Unidade é composta por uma avaliação pautada nas ideias de Hoffmann (1996), que entende a avaliação como um instrumento de regulação da aprendizagem. Essa Unidade abordará: as linguagens sagradas (textos orais e escritos), o respeito às diferentes religiões e às suas escrituras, com ênfase nas religiões de matriz africana e indígenas.

A unidade temática são as manifestações religiosas (contemplando as quatro matrizes: indígena, ocidental, africana e oriental), os objetivos de aprendizagem são: identificar os textos orais e escritos em diferentes culturas e

organizações religiosas e perceber a diversidade de linguagens sagradas e a importância que cada religião emprega em seus ensinamentos. Os conteúdos são: textos sagrados orais e escritos.

Desenvolvimento da Atividade 1

Duração: 3 aulas de 50 minutos.

Organização dos estudantes: em grupos de três estudantes.

Materiais e recursos: projetor de imagens, sulfites e atividades impressas.

Recomendações aos professores:



A aula se inicia com uma explanação (cerca de 20 minutos) sobre os textos orais e escritos. O professor deve iniciar a aula informando aos alunos que existem várias maneiras de transmissão dos ensinamentos religiosos (conversas, danças, pinturas, desenhos e escrituras).

Sugestões de questões a serem debatidas:

Quais textos sagrados vocês conhecem? Cite.

Qual a função dos textos sagrados?

Qual a contribuição dos textos sagrados para as religiões?

Quais são as formas de apresentar os ensinamentos sagrados?

O que se espera com essa atividade?



Que os alunos consigam refletir sobre a função de um texto sagrado e as várias formas que os constituem.

Em seguida, deverá ser entregue aos alunos o texto “**Os diferentes textos sagrados escritos**” (ANEXO E), para que seja realizada a leitura de forma coletiva.

Os diferentes textos sagrados escritos

(Carolina do Rocio Nizer)



O que faz com que um texto se torne sagrado?

Quando isso acontece?

E de que forma?

Desde o início dos tempos, o homem sempre procurou se comunicar e registrar seu cotidiano utilizando-se, primeiramente, dos desenhos. Com o passar do tempo e o acúmulo de informações, a sociedade passa a utilizar registros.

O conjunto desses escritos é conhecido como texto, que significa, tecido ou entrelaçar várias palavras para obter um todo. De uma maneira geral, a expressão texto designa um enunciado qualquer, oral ou escrito, longo ou breve, antigo ou moderno.

Embora a palavra texto tenha como referência o “conjunto verbal”, podemos ampliar esse conceito para imagens, charges, transmissões orais etc., ou seja, o texto é um processo de signos que tendem a transmitir uma ideia ao seu leitor.

VAMOS CONHECER A FUNÇÃO DO TEXTO SAGRADO ESCRITO?

Podemos dizer que os textos sagrados escritos têm a função de:

- Registrar a tradição religiosa como forma de preservar a experiência religiosa fundante. Assim, a religião organiza sua estrutura religiosa, seus ritos, símbolos, mensagens. etc.
- Comunicar a experiência religiosa aos fiéis da religião, pois, através dos textos sagrados, o “divino” se faz presente para o homem religioso e o grupo encontra orientações e ensinamentos.
- Atualizar a experiência original no tempo e espaço, afinal, independente do período, o texto sagrado mantém a mesma estrutura sendo utilizado para orientar a vida do homem, nos cultos e na educação religiosa.
- Certificar por meio de seus escritos as experiências religiosas do grupo em todos os tempos.

Textos sagrados escritos

Os textos sagrados escritos, para algumas tradições religiosas, são criados a partir da manifestação e/ou inspiração divina, ou seja, o próprio divino se faz presente de alguma maneira para enviar a mensagem ao homem religioso. Mas é importante lembrar que alguns textos sagrados não nascem necessariamente sagrados, mas tornam-se sagrados à medida em que o grupo encontra, nos textos escritos, elementos que os unem em um mesmo ensinamento, apresentam valores comuns e auxiliam o homem religioso a experimentar a manifestação do Sagrado.

Também outra forma de um texto se tornar sagrado é após a morte do líder. Como exemplo: após a morte de Buda, seus ensinamentos foram organizados e transformados em livros pelos seus seguidores.

Os conteúdos encontrados nos textos sagrados são variados. É difícil descrever no que consiste cada texto de uma forma geral. Por isso, vamos

conhecer alguns textos sagrados e um pouco do seu ensinamento.

Texto sagrado – imagens, desenhos, pinturas, entre outros

No período em que se faziam pinturas rupestres, os homens não possuíam o domínio da escrita e registravam seu cotidiano por meio de desenhos feitos nas paredes das cavernas. Acredita-se que o homem, ao desenhar nestas paredes, entrava em um processo de transe e expressava seu desejo que, geralmente, estava ligado à garantia de uma boa caça.

O homem pintava o animal da maneira como o via (naturalismo). As pinturas retratadas na parede da caverna quase sempre eram de animais como veados, cavalos, mamutes e javalis com ferimentos mortais de lanças que o próprio ser humano atirava.

O fato de retratar lanças atiradas nos desenhos de caça era na crença de que, ao fazê-lo, facilitaria o domínio sobre a presa. Os desenhos eram feitos em rochedos e paredes de cavernas, utilizando recursos da natureza, como por exemplo, o carvão, a seiva de plantas e de frutas, argila, etc.

REFERENCIAS

NIZER, C. do R. **Os diferentes textos sagrados escritos**. In: Carolina do Rocio Nizer; Elói Correa dos Santos; Valmir Biaca; Diná Raquel Daudt da Costa (Org.). Ensino Religioso: diversidade cultural religiosa. Curitiba. SEED/PR, 2013.

Recomendações aos professores:



Após a leitura, o professor deverá apresentar imagens sobre os textos sagrados orais, pictóricos e escritos, com o objetivo de contextualizar com o texto proposto acima. As imagens representam as diversas formas de transmissão de ensinamentos sagrados: pela oralidade, pela escrita e por pinturas. Peça aos alunos para observarem as imagens, para que possam verificar de que forma os ensinamentos das tradições citadas estão sendo transmitidos **(ANEXOS F e G)**.

Figura 5 - Tradição Oral

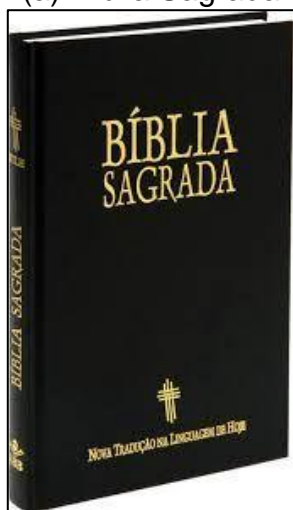
(a) Cultura que herdamos dos índios

Fonte: Ceert (2016)¹²

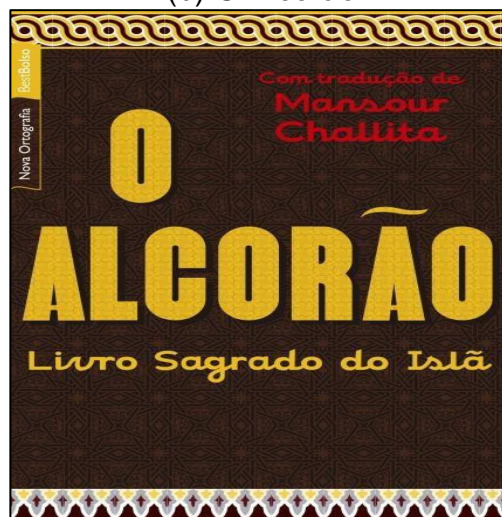
(b) Terreiros de Candomblé

Fonte: Flickr (2015)¹³**Figura 6 - Tradições Escritas**

(a) Bíblia Sagrada

Fonte: Stos (2018)¹⁴

(b) O Alcorão

Fonte: Duli (2019)¹⁵

Os livros sagrados indicados deverão ser apresentados pelo professor, preferencialmente de forma física.

Recomendações aos professores:



¹² Disponível em: <<https://media.ceert.org.br/portal-3/img/noticias/originais/11212-cultura-que-herdamos-dos-indios.jpg>>. Acesso em: jan.2021.

¹³ Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/flica2015oficial/22159502719/>>. Acesso em: fev. 2020

¹⁴ Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/623678248381315449/>>. Acesso em: fev. 2020.

¹⁵ Disponível em: <<https://wanjuduli.medium.com/top-10-livros-de-islamismo-a37ab1c674e1>>. Acesso em: fev. de 2020.

Após a apresentação das imagens acima, os alunos deverão se reunir em grupos de cinco integrantes para a realização de uma pesquisa. Eles deverão pesquisar sobre uma tradição religiosa e seu respectivo livro sagrado (**judáísmo, islamismo, hinduísmo e cristianismo**). Seguem algumas sugestões para o desenvolvimento da pesquisa:

Quem foi o fundador da religião proposta? Como se chama o livro sagrado da religião escolhida? Como o livro é dividido? Quais são os principais ensinamentos? Qual a origem do livro sagrado? Escreva algo que vocês consideram importante sobre o livro pesquisado.

A pesquisa deverá ser entregue ao professor para correção e apresentada à turma em forma de apresentação oral, cada grupo terá 10 minutos para fazer um breve relato de sua pesquisa.

Desenvolvimento da Atividade 2

Duração: 2 aulas de 50 minutos.

Organização dos estudantes: duplas.

Materiais e recursos: sulfites, atividades impressas, laboratório de informática ou celular dos alunos e lápis colorido.

Recomendações aos professores:



Oriente os alunos a pesquisarem algumas imagens em seus respectivos celulares, organizem os alunos em duplas de forma que todos tenham acesso à tecnologia.

Peça aos alunos para pesquisarem desenhos e pinturas que tenham algum valor sagrado para as religiões indígenas e afrodescendentes (umbanda

e candomblé), informe que pode ser uma arte, um artefato, uma pintura, um vitral, uma escultura.

Peça aos alunos para reproduzirem as imagens pesquisadas e para responderem as questões abaixo em seus cadernos.

O que a imagem representa?



Critérios e instrumentos de avaliação

Os critérios de avaliação devem levar em conta a capacidade do aluno de apropriação do assunto, no caso, se foi capaz de identificar e perceber a diversidade e importância das linguagens sagradas dos textos orais e escritos, principalmente, nas manifestações religiosas de matriz indígena e africana, bem como, o desenvolvimento da capacidade de dialogar de forma crítica e com boa argumentação sobre o assunto.

O professor deverá ficar atento se os alunos, no decorrer e no final das atividades, conseguiram perceber e refletir sobre: os textos orais e escritos nas diferentes culturas e organizações religiosas, bem como sua importância; a diversidade de linguagens sagradas escritas e orais e suas várias manifestações

Os instrumentos utilizados para aferição da aprendizagem são: participação em debates e apresentações orais, realização de pesquisas, produção e apresentação dos trabalhos.

Caso os alunos, ao final de todo o processo de ensino e aprendizagem desta Unidade, não tenham assimilado os conteúdos propostos, o professor deve oferecer uma retomada de conteúdos, de maneira individualizada, as atividades podem ser refeitas e complementadas com pesquisas sobre os assuntos abordados e deverão ser realizadas em forma de tarefa de casa e entregue ao professor para correção.

É possível propor algumas questões de autoavaliação. Desta forma, os

discentes podem refletir sobre seus atos e conseguem medir seu desempenho (APÊNDICE C).

Autoavaliação

Marque um (X) na alternativa que corresponde a seu envolvimento na aula e responda as questões:

1) Qual sua porcentagem de participação no curso?

() Menos de 50%

() Mais de 50%

() Mais de 75%

2) Se sua resposta na questão 1 foi menos de 50%, descreva motivo.

R.

3) Você se dedicou ao estudo da disciplina mais de 1 hora por semana?

() Sim

() Não

4) Você participou de todas as atividades propostas pelo ambiente remoto de aprendizagem?

() Sim

() Não

5) Se sua resposta na questão 4 foi não, descreva o motivo.

R.

6) No decorrer das aulas, você percebeu a necessidade de ter conhecimentos prévios para melhor entender o conteúdo apresentado?

() Sim

() Não

7) Você teve dificuldade em entender algum conteúdo?

() Sim

() Não

Bibliografia Recomendada:

CROATTO, J. S. **As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 2001.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BERKENBROCK, V. J. **O mundo religioso**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

TOROPOV, B. **O guia completo das religiões do mundo**. Brandon Toropov e Luke Buckles; tradução Martha Malvezzi Leal. - 2 ed. – São Paulo; Madras, 2017.

UNIDADE IV Mitos de Origem



Introdução

Nesta Unidade, serão abordados assuntos referentes às linguagens sagradas, mais particularmente sobre os mitos de origem. Todas as atividades seguem a orientação RCP (2019). A Unidade é composta por uma avaliação pautada nas ideias de Hoffmann (1996), que entende a avaliação como um instrumento de regulação da aprendizagem. Essa Unidade tem como Unidade temática as manifestações religiosas, como conteúdo a temática textos sagrados orais e escritos sobre mitos de criação dos povos afrodescendentes e indígenas.

Os objetivos de aprendizagem são: conhecer a função e a importância dos mitos e textos sagrados orais e escritos; identificar mitos de criação em textos sagrados orais e escritos nas culturas indígenas e afrodescendentes; perceber a diversidade de linguagens sagradas e as diversas formas de explicar alguns fenômenos.

Desenvolvimento da Atividade 1

Duração: 2 aulas de 50 minutos.

Organização dos estudantes: em grupos de três alunos.

Materiais e recursos: Projetor de imagens, laboratório de informática ou celular dos próprios alunos, folha de atividade impressa.



Recomendações aos professores para realização da atividade

Na primeira atividade da Unidade IV, será disponibilizado aos alunos um vídeo¹⁶, que trata da diferenciação entre mito e lenda. Ele apresenta a mitologia com um fenômeno explicativo e mágico. A lenda é apresentada como tendo ligação cultural com grupos específicos e com acontecimentos que, aos poucos, ganham contornos sobrenaturais.

Após o vídeo, os alunos deverão se dividir em grupos de três integrantes para realizar a leitura e o estudo do texto **Mitos de origem: Onde começa a vida? (ANEXO H)**. Esse texto discute a diferença entre os mitos e as lendas.

Mitos de origem: Onde começa a vida?

O que são os Mitos? Para que eles servem?

Mito é o mesmo que lenda?



Os mitos de origem são histórias simbólicas que narram

¹⁶ Disponível em <<https://youtu.be/MKhpUzaDZFw>>.

acontecimentos de um passado distante, eles dão sentido à vida no presente, pois explicam como o mundo e todos os seres passaram a existir. Os mitos se relacionam com a vida social, a religiosidade, o modo de pensar de cada povo. Eles expressam maneiras diferentes de compreender o surgimento do Universo, da Vida, da Humanidade e do Planeta onde vivemos. Os mitos fazem parte da cultura e da religião de todos os povos. Desde os tempos mais remotos, os mitos são, certamente, o primeiro recurso de linguagem simbólica utilizada pelos seres humanos, com o propósito de explicar a realidade. Trata-se de uma linguagem poética e intuitiva, que vai além da lógica racional. Os mitos de origem são uma tentativa de explicar por meio de narrativa o surgimento de todas as coisas.

Qual será a diferença entre mito e lenda?

Os mitos são narrativas sobre a origem do mundo, dos homens e das coisas, por meio das relações entre deuses e forças sobrenaturais, cuja ação aconteceu quando o mundo foi formado, o princípio. Ou melhor, o mito é, com frequência, a narrativa sobre o tempo onde tudo foi criado e sempre é objeto de crença. Exemplo: Gênese, cosmo, visão indígena e africana. O mito também é uma narração que explica os fatos da realidade, os fenômenos da natureza, são bastante simbólicos, são histórias carregadas de metáforas. Neles aparecem Deuses, seres sobrenaturais, heroínas, heróis, etc.

O mito nos fornece mensagens profundas sobre nossa própria experiência humana. As histórias contadas pelas religiões, tenham elas sido escritas ou não, são consideradas mitos religiosos para os pesquisadores de religiões. O mito religioso explica a realidade por meio de histórias sagradas. As lendas são narrativas antigas que misturam fatos, lugares reais e históricos com acontecimentos que são frutos da fantasia. Elas procuram dar explicações para acontecimentos misteriosos e sobrenaturais. Exemplo: Boitatá e Curupira. As lendas se vinculam ao folclore. Na medida em que são contadas as lendas vão se modificando, bem ao sabor de quem conta a história.

Fonte: Adaptado de Guilouski (2013).

Após o estudo dos textos e a explanação do assunto pelo professor sobre o que é mito e lenda, os alunos deverão realizar a atividade de fixação da aprendizagem, segue um modelo (APÊNDICE E).

Atividade de Fixação da Aprendizagem



Com base em sua leitura e no que a professora lhe ensinou sobre diferença entre mitos e lendas, enumere:

(1) Mito

(2) Lendas

(1) São narrativas sobre a origem do mundo, dos homens e das coisas, por meio das relações entre deuses e forças sobrenaturais, cuja ação aconteceu quando o mundo foi formado, o princípio.

(2) Suas características costumam ser a ancestralidade, anonimato, oralidade e a persistência.

(1) São histórias fantásticas, geralmente com figuras sobrenaturais como deuses e monstros com o objetivo de ensinar algo.

(2) Tem uma ligação cultural com um grupo específico, ela parte de um acontecimento verídico, mas ganha contornos sobrenaturais.

Faça uma pesquisa sobre uma lenda e um mito, depois escreva em seu caderno as características essenciais da história e compartilhe com seus colegas:

O que se espera com essa atividade?



Que os alunos consigam entender a diferença entre mito e lenda, uma vez que a distinção é indispensável para a execução da próxima atividade.

Desenvolvimento da Atividade 2

Duração: 2 aulas de 50 minutos.

Organização dos estudantes: Divida a sala em quatro grupos.

Materiais e recursos: textos impressos, lápis coloridos, sulfites, cartolina.



Recomendações aos professores para realização da atividade

Divida os alunos em quatro grupos e entregue a cada grupo um texto (**A criação do mundo segundo mitologia ioruba; Mito tupinambá; Roupagem para a humanidade; O mito massai da origem da vida e da morte**)

A escolha do tema poderá ser feita por sorteio. Peça aos grupos que realizem a leitura e, em seguida, compartilhem seus conhecimentos sobre o texto com os colegas da sala, em forma de apresentação oral breve (ANEXOS I, J, K e L).

A criação do mundo segundo mitologia ioruba



No princípio, Olorum, o ser supremo, governava o Orun, o céu. A Terra não era nada mais que uma imensidão de pântanos governada por Olokun, a grande mãe, guardiã da memória ancestral. Então, Obatalá, a divindade da criação, teve a ideia de colocar terra sólida sobre os pântanos.

Instruído por Orunmila, divindade das profecias e do destino, Obatalá trabalhou quatro dias e construiu Aiyê, o nosso mundo, com montanhas, campos e vales. Para que o novo lugar tivesse vida, Olorun criou o Sol, enviou uma palmeira de dendê e fez chover, para que a árvore brotasse. Surgiram as florestas e os rios.

Para povoar o lugar, Obatalá modelou os humanos no barro com a ajuda de Oduduá, com quem formou o casal propulsor da vida. Terminados os bonecos, colocaram neles o emi, o sopro da vida. A primeira cidade em que os humanos viveram se chamava Ifé. Obatalá voltou ao Orun e contou a novidade aos *òrìsà*.

Os *òrìsà* (ou orixás) são seres divinos que personificam os elementos da natureza e são indispensáveis ao equilíbrio e à continuidade da vida. Eles foram viver com os humanos, e Olorum os orientou: só haveria harmonia se os orixás ouvissem os humanos e os orientassem – eles seriam seus protegidos.

A harmonia em Ifé ficou monótona, e as pessoas passaram a desejar casas maiores e colheitas mais férteis. Pediram a Olorum, que alertou que o fim desse equilíbrio traria conflitos. O povo insistiu e Olorum deu o que pediam. A cidade se encheu contrastes. Incapazes de dialogar, as pessoas se separaram em tribos.

Fonte: Adaptado de Bargas (2020)¹⁷.

Mito Tupinambá



Monã criou o céu, a terra, os pássaros e todos os animais. Antes não havia mar, que surgiu depois, formado por Amaná Tupã, o Senhor das nuvens.

¹⁷ Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-e-a-mitologia-ioruba>>.

Os homens habitavam a Terra, vivendo do que ela produzia regada pelas águas dos céus. Com o tempo, passaram a viver desordenadamente segundo seus desejos, esquecendo-se de Monã e tudo que lhes ensinara. Nesse tempo Monã vivia entre eles e os tinha como filhos. Contudo Monã, vendo a ingratidão e a maldade dos homens, apesar de seu amor, inicialmente os abandonou e também à Terra. Depois lhes mandou tatá, o fogo, que queimou e destruiu tudo. O incêndio foi tão imenso, que algumas partes da superfície se levantaram, enquanto outras foram rebaixadas. Desta forma surgiram as montanhas.

Deste grande incêndio se salvou apenas uma pessoa, Irin-Magé, porque foi levado para a Terra de Monã. Depois dessa catástrofe, Irin-Magé dirigiu-se à Monã e, com lágrimas, o questionou:

- Você, meu pai, deseja acabar também com o céu? De que me serve viver sem alguém semelhante a mim?

Monã, cheio de compaixão e arrependido do que fizera por causa da maldade dos homens, mandou uma forte chuva que começou a apagar o incêndio.

Como as águas não tinham mais para onde correr, foram represadas, formando um grande lago, chamado Paraná, que hoje é o mar.

Suas águas até hoje são salgadas, graças às cinzas desse incêndio que com elas se misturaram.

Monã, vendo que a Terra havia ficado novamente bela, enfeitada pelo mar, pelos lagos e com muitas plantas que cresciam por toda parte, achou que seria bom formar outros homens que pudessem cultivá-la.

Chamou então Irin-Magé, dando-lhe uma mulher por companheira para que tivessem filhos, esperando que fossem melhores que os primeiros homens.

Um de seus descendentes era uma pessoa de grande poder e se chamava Maíra-Monã. Maíra quer dizer “o que tem poder de transformar as coisas”, e Monã significa velho, o ancião. Maíra-Monã era imortal e tinha muitos poderes como o primeiro Monã.

Depois que Maíra-Monã voltou para sua Terra, surgiu um descendente muito poderoso, que se chamava Sumé.

Ele teve dois filhos, Tamanduaré e Arikuté, que eram muito diferentes um do outro e por isso se odiavam mortalmente.

Tamanduaré era cuidadoso com a casa, era um bom pai de família e gostava de cultivar a terra. Já Arikuté não se preocupava com nada, e passava o tempo fazendo guerra e dominando os povos vizinhos.

Certo dia, voltando de uma batalha, Arikuté trouxe para seu irmão o braço de um inimigo, dizendo-lhe com arrogância:

- Veja lá, seu covarde! Um dia terei sua mulher e seus filhos sob meu poder, pois você não presta nem para se defender!

O pacífico Tamanduaré, atingido no seu orgulho, lhe respondeu:

- Já que você é tão valente, em vez de trazer apenas um braço, por que não trouxe o inimigo inteiro?

Arikuté, irritado com aquela resposta, jogou o braço contra a casa de seu irmão e, naquele instante, toda a aldeia foi levada para o céu, ficando na Terra apenas os dois irmãos com suas famílias.

Vendo isso Tamanduaré, por indignação ou por desprezo, começou a golpear a Terra com tanta força que acabou fazendo surgir uma fonte de água, que não parava mais de jorrar. Jorrou tão forte e por tanto tempo que chegou até as nuvens, iniciando uma grande inundação.

Para fugir desse novo dilúvio, os dois irmãos, com suas mulheres, refugiaram-se na montanha mais alta da região. Tamanduaré subiu numa palmeira com uma das suas mulheres, e Arikuté subiu no jenipapeiro com sua esposa, permanecendo lá até as águas diminuírem.

Com essa inundação, todos os homens e animais morreram.

Quando as águas abaixaram, os dois casais desceram das árvores e voltaram a povoar a Terra, mas cada família foi viver numa região distante.

Os Tupinambá descendentes de Arikuté são grupos rivais, até hoje, por essa razão.

Fonte: Adaptado de Guilouski (2013).

Roupage para a humanidade

De Kaká Werá Jecupé, um sobrevivente dos índios Txukarramãe, acolhido pelos Guaranis, ouvi este mito que lhe foi contado por sua avó, quando ainda ela vivia. É mais ou menos assim:

Tendo recém nascida a Humanidade, um grande conselho de

divindades se reúne, porque decidem vesti-la e revesti-la do melhor possível. Quatro delas, diante do Conselho, decidem fazer tão importante tarefa. Cada qual no seu tempo, uma a uma, vão cuidadosamente tecer a roupagem para a Humanidade.

A primeira dela rasgou a escuridão numa luz forte, vibrante, incandescente que dançou e rodopiou, durante muito, muito tempo no espaço cósmico, até despedaçar sua luz força e beleza na imensidão infinita do Cosmos. Essa divindade foi chamada de FOGO.

A segunda lançou-se sobre o fogo em forma de uma energia fluída, límpida, transparente, fria. Durante milhões e milhões de anos ela foi cobrindo esse Fogo se misturando nele e na sua convivência formou-se uma calda grossa (sopa cósmica, como dizem os cientistas) que deu origem as gotas de chuva, gases etc. Essa divindade foi chamada de ÁGUA.

A energia fluída e macia da água, modelou a força e o calor do fogo e aos poucos eles foram se transformando e se automodelando, de maneira que uma parte ficou mais firme e sólida e a outra mais fluída e líquida. Desse longo enamoramento e casamento, nasceu a filha, que foi chamada de TERRA. Essa foi terceira divindade.

No interior, no coração da Terra, cercada pela Água, o Fogo latejava e pulsava, vivo e fulgurante. Todo o espaço da terra e da água encheu-se de Vida. Todas as formas de vida de variada beleza e harmonia pulsavam num só ritmo. Uma pequena camada tênue, gasosa, etérea e invisível pulsava com eles. Era a quarta divindade, o AR.

Assim essas quatro divindades FOGO, ÁGUA, TERRA e AR, deram origem a Humanidade. O FOGO no nosso interior como na Terra é o espírito ativo de entusiasmo e paixão.

A ÁGUA como na composição da Terra (75%) corre como fontes, rios, oceanos em nossas veias e entranhas.

A TERRA é a carne que reveste como rochas, nosso esqueleto e órgãos vitais. O AR como brisa e o vento são o hálito e o suspiro do planeta.

O que a Humanidade tem feito com essas divindades, os elementos que compõem a natureza?

Rasgamos e sujamos ou cuidamos e consertamos a única roupa que

herdamos? Arrancados da própria raiz, quem nos lembrará de nossa origem divina?

Fonte: Adaptado de Boff (2013).

O mito massai da origem da vida e da morte

Os massais são um grupo étnico seminômade e dedicado às atividades pastoris.

A etnia massai ainda hoje preserva suas tradições culturais. Possui uma população de quase 1 milhão de pessoas, espalhadas entre o norte da Tanzânia e o Quênia.

De acordo com a cosmogonia massai, o universo sempre existiu. Mas há um deus responsável pela criação do mundo habitado: seu nome é Ngai.

No princípio de tudo, de acordo com a mitologia massai, existia apenas um homem, chamado Kintu. Tudo mudou quando a filha do Céu se apaixonou por Kintu e conseguiu convencer seu pai a aceitar o casamento.

Kintu foi chamado ao Céu, onde foi desafiado por Ngai com uma série de provas, das quais saiu vencedor. O prêmio por sua bravura foi a mão da filha do Céu, que desceu à Terra levando como dote animais e plantas. Porém, uma advertência tinha sido feita por deus antes do casal partir em viagem para a Terra: era proibido voltar.

Claro que a ordem não foi cumprida. Aliás, essa parece ser mesmo uma marca desses mitos de criação.

Antes de chegar à Terra, Kintu se lembrou de que havia se esquecido dos grãos para alimentar as aves. Sua mulher implorou para que ele não voltasse ao Céu. Mas ele voltou.

Um dos filhos de deus, a Morte, estava ausente na época do casamento e não sabia do que tinha acontecido. Quando o homem entrou no Céu para buscar os grãos, deu de cara com a Morte, que ficou furiosa.

A Morte agarrou os pés do homem e desceu com ele à Terra, instalando-se perto da sua casa. Todos os filhos que nasceram do casamento entre Kintu e a filha do Céu foram mortos. Deus enviou outro filho para espantar a Morte, mas esta era muito esperta e levou a melhor em todas as armadilhas que lhe foram feitas.

Foi o início da soberania da Morte na Terra.

Fonte: Adaptado de Neto (2019)¹⁸.



Recomendações aos professores para realização da atividade

- Após a leitura, peça aos alunos que reproduzam quatro desenhos, que deverão representar os mitos estudados anteriormente. A produção deverá ser realizada em um trabalho coletivo, um desenho em cada sulfite ou cartolina.
- Cada desenho deverá ser identificado com o nome do grupo, os alunos poderão escolher um nome fantasia para representar seu grupo.
- Após a realização as atividades por todos os grupos (cerca de 50 minutos), o professor deverá recolher a produção e devolverá aos alunos de forma aleatória para que os grupos possam analisar o desenho e nomear de acordo com os mitos estudados, (cerca de 20 minutos).
- Depois, o professor deverá devolver aos autores para que os próprios alunos verifiquem se o nome condiz com a representação.
- Por último, os desenhos serão devolvidos aos alunos com o objetivo de verificarem se acertaram. Após a correção o trabalho será exposto a toda comunidade escolar em forma de cartaz.

Após a leitura, discussão e apresentação oral dos textos, o professor deve complementar as apresentações, dando explicações sobre os assuntos abordados. Seguem ao final da Unidade recomendações de bibliografias para dar suporte ao trabalho do professor.

O que se espera com essa atividade?



¹⁸ Disponível em: <<https://www.hipercultura.com/mitos-africanos-origem-seres-humanos>>.

Que os alunos ampliem seu conhecimento sobre o mundo religioso e percebam que existem muitas formas de manifestação do sagrado

Critérios e instrumentos de avaliação

Os critérios de avaliação devem levar em conta a capacidade do aluno de compreensão sobre o assunto, de percepção sobre a importância e diversidade dos textos sagrados orais e escritos. Será analisada a capacidade de dialogar de forma crítica e com boa argumentação sobre o assunto.

O professor deve ficar atento se os alunos, no decorrer e no final das atividades, conseguiram perceber e refletir sobre: a função e a importância dos mitos e textos sagrados orais e escritos e a diversidade das linguagens sagradas.

Os instrumentos utilizados para aferição da aprendizagem são: participação em debates, realização de pesquisas, apresentação oral, produção e caracterização de desenhos. Caso os alunos ao final de todo o processo de ensino não tenham assimilado os conteúdos propostos, o professor deverá oferecer uma retomada de conteúdos, de maneira individualizada, as atividades podem ser refeitas e complementadas com pesquisas sobre os assuntos abordados, podem ser realizadas em forma de tarefa de casa e entregues ao professor para correção.

É possível propor algumas questões de autoavaliação. Desta forma, os discentes podem refletir sobre seus atos e conseguem medir seu desempenho (APÊNDICE E).

Autoavaliação

Marque um (X) na alternativa que corresponde a seu envolvimento na aula e responda as questões:

1) Qual sua porcentagem de participação no curso?

() Menos de 50%

Mais de 50%

Mais de 75%

2) Se sua resposta na questão 1 foi menos de 50%, descreva o motivo.

R.

3) Você se dedicou ao estudo da disciplina mais de 1 hora por semana?

Sim

Não

4) Você participou de todas as atividades propostas pelo ambiente remoto de aprendizagem?

Sim

Não

5) Se sua resposta na questão 4 foi não, descreva o motivo.

R.

6) No decorrer das aulas, você percebeu a necessidade de ter conhecimentos prévios para melhor entender o conteúdo apresentado?

Sim

Não

7) Você teve dificuldade em entender algum conteúdo?

Sim

Não

Bibliografia Recomendada:

INDIOS BRASILEIROS. **Da criação ao modo de vida**. Outro modo de enxergar a criação. Kerdna Produções Editorial Ltda. Disponível em: http://índios-brasileiros.info/mos/view/Da_criação_ao_modo_de_vida/. Acesso em: 23 maio 2020.

ELIADE, M. **Dicionário das religiões**. Mircea Eliade e Ioan P. Couliano. com a colaboração de H. S. Wiesner; tradução Ivone Castilho Benedetti. 2ª. Ed. – São

Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Ensaio sobre o simbolismo mágico religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. A. S.; GIL FILHO, S. F. **O Sagrado como foco do fenômeno religioso**. In: Junqueira; Oliveira. (Org). Ensino Religioso: Memórias e perspectivas. 1. ed. Curitiba: Editora Champagnat, 2005, v. 01.

AMARAL, D. P.; OLIVEIRA, R. J.; SOUZA, E. C. F. Argumentos para a formação do professor de ensino religioso no projeto pedagógico do curso de ciências das religiões da UFPB: que docente se pretende formar? **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 98, n. 249, p. 270-292, Ago. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217666812017000200270&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 jan. 2020.

AZEVEDO, F. **A cultura brasileira**. 4.ed. São Paulo: Edições Melhoramentos 1976.

BANDEIRA, A. C. **O que é Umbanda**: ensaio histórico doutrinário. São Paulo: Eco, 1970.

BARGAS, D. **Como é a mitologia iorubá?** 2020. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-e-a-mitologia-ioruba/>. Acesso em: 14 mar. 2020.

BASTILE, R. **As religiões africanas do Brasil**. São Paulo: Livraria Pioneira editora, 19.

BERKENBROCK, V. J. **O mundo religioso**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BIACA, V. *et.al.* **Caderno Pedagógico**: O sagrado no ensino religioso. Curitiba: Seed-PR, 2006.

BOFF, I. Roupagem para a humanidade. In: Carolina do Rocio Nizer; Elói Correa dos Santos; Valmir Biaca; Diná Raquel Daudt da Costa (Org.). **Ensino Religioso: diversidade cultural religiosa**. Curitiba. SEED/PR, 2013. p. 117-118.

BRASIL, Ministério da Saúde. **COVID-19 NO BRASIL**. 2020. Disponível em: https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em: 19 de jan 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 12 nov. 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> . Acesso em: 21 mar. 2020.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira” e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm . Acesso em: 05 maio 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica / Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562p. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1554-8-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 12 jan. 2020.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

CECCHETTI, E. **Diversidade cultural religiosa na cultura da escola**. (Dissertação de Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

CECCHETTI, E.; OLIVEIRA, L. B. Diversidade religiosa e direitos humanos: conhecer, respeitar e conviver. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**. Bauru, n. 4, p. 181-197, jun. 2015.

COLÉGIO ESTADUAL DR. GENEROSO MARQUE – EFM. **PPP- Projeto Político Pedagógico**. Disponível em: <http://www.cbrgeneroso.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/17/360/31/arquivos/File/pp2018site.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2020.

CROATTO, J. S. **As linguagens da experiência religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2001.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, M. **Dicionário das religiões**/ Mircea Eliade e Ioan P. Couliano; com a colaboração de H. S. Wiesner; tradução Ivone Castilho Benedetti. 2ª. Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELIADE, M. **Imagens e símbolos**. Ensaio sobre o simbolismo mágico religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FLICKR. **Lançamento do livro Terreiros de Candomblé de Cachoeira e São Félix - Cadernos do IPAC, 9**. 2015. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/flica2015oficial/22159502719>. Acesso em: 12 dez. 2020.

FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso**. 3 ed. São Paulo: Ave Maria, 1998.

GAARDER, J.; HELLERN, V.; NOTAKER, H. **O livro das religiões**. tradução Isa Mara Lando; revisão técnica e apêndices Antonio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia da Letras, 2005.

GUILOUSKI, B. *et al.* Mito Tupinambá. In: Carolina do Rocio Nizer; Elói Correa dos Santos; Valmir Biaca; Diná Raquel Daudt da Costa (Org.). **Ensino Religioso: diversidade cultural religiosa**. Curitiba: SEED/PR, 2013.

GUILOUSKI, B. *et al.* Mitos de origem: onde a vida começa? In: Carolina do Rocio Nizer; Elói Correa dos Santos; Valmir Biaca; Diná Raquel Daudt da Costa (Org.). **Ensino Religioso: diversidade cultural religiosa**. Curitiba. SEED/PR, 2013.

HOFFMANN, J. **Avaliação: mito e desafio, uma perspectiva construtivista**. 21.ed. Porto Alegre, Mediação, 1996.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**: Disponível em: <https://cnae.ibge.gov.br/en/component/content/article/95-7a12/7a12-vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/16049-cor-ou-raca.html>. Acesso em: 14 jan. 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. 2011. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/cambara/historico>. Acesso em: 14 jan. 2021.

INDIOS BRASILEIROS. **Da criação ao modo de vida**. Outro modo de enxergar a criação. Kerdna Produções Editorial Ltda. Disponível em: http://indios-brasileiros.info/mos/view/Da_criacao_ao_modos_de_vida/. Acesso em: 23 maio 2020.

ITAOMAN, M. **Pemba: a grafia sagrada dos orixás**. Brasília: Thesaurus, 1990.

JUNQUEIRA, S. R. A. **História, legislação, e fundamentos do Ensino Religioso**. 20. ed. Curitiba, PR: Ibpex, 2008.

JUNQUEIRA, S. R. A.; CORRÊA, R. L. T.; HOLANDA, A. M. R. **Ensino Religioso: aspectos legal e curricular**. 1. ed. São Paulo, SP: Paulinas, 2007.

HOLANDA, A. M. R. **Ensino Religioso: aspectos legal e curricular**. 1. ed. São Paulo, SP: Paulinas, 2007.

MOTA, R. M. O Sistema brasileiro de ensino e o lugar do ensino religioso. In: Sérgio Rogério Junqueira (Org.). **Ensino Religioso no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2015.

NERY, A. Modalidades organizativas do trabalho pedagógico: uma possibilidade. In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO, A. R. (orgs.). **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: MEC, 2007

NETO, C. **Conheça 4 mitos africanos sobre a origem dos seres humanos**. 2019. Disponível em: <https://www.hipercultura.com/mitos-africanos-origem-seres-humanos/>. Acesso em: 22 maio 2020.

NIZER, C. do R. Os diferentes textos sagrados escritos. In: Carolina do Rocio Nizer; Elói Correa dos Santos; Valmir Biaca; Diná Raquel Daudt da Costa (Org.). **Ensino Religioso: diversidade cultural religiosa**. Curitiba. SEED/PR, 2013.

NÓVOA, A. **Professores Imagens do futuro presente**. Lisboa, 2009.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Um relatório sobre saúde**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt>. Acesso em: 19 jan. 2021.

PARANÁ. **Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP)**. Curitiba, 2019. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/crep_2020/ensino_religioso_curriculo_rede_estadual_paranaense_diagramado.pdf. Acesso em: 21 mar. 2020.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Referencial Curricular do Paraná: princípios, direitos e orientações**. Curitiba: SEED/PR, 2018. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/bncc/2018/referencial_curricular_parana_preliminar.pdf. Acesso em: 12 jul. 2019.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Ensino religioso: diversidade cultural e religiosa / Paraná**. Curitiba: SEED/PR, 2013. Disponível em: http://www.ensinoreligioso.seed.pr.gov.br/arquivos/File/livro_er_19_3_2015.pdf. Acesso em: 12 maio 2020.

PEREIRA, D. S. Pessoas sem religião, ateus e agnósticos. In: FLEURI, Reinaldo Matias; *et al.* (Orgs). **Diversidade religiosa e direitos humanos: conhecer, respeitar e conviver**. Blumenau: Edifurb, 2013.

PEREIRA, J. B. B. Os imigrantes na construção histórica da pluralidade étnica brasileira. **Os fundamentos étnicos do país**. São Paulo, v. 46, p. 6-29, jun/ago 2000.

REZENDE, J. **Diversidade religiosa e direitos humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil**. 3º ed. Ed. Global, São Paulo, 2015.

ROMANELLI, O. de O. **História da educação no Brasil**. 39.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870 – 1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, K. L. N. da *et al.* Ensino Religioso: uma perspectiva de trabalho com a diversidade religiosa no estado do Paraná. In: Sérgio Rogério Azevedo Junqueira (Org.). **Ensino Religioso no Brasil.** Florianópolis. 2015. p. 354-371.

SILVA, V. G. **Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira.** São Paulo: Selo Negro, 2005.

STORTO, L. J.; CARRAPEIRO, A. P. F. Gênero Literário Conto Mitológico Como Instrumento para o Ensino Religioso: Uma Revisão Sistemática da Literatura. Cascavel, **Revista Ideação**, v, 21 n, 2, p. 33-48, set/dez. 2019. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/24102>. Acesso em: 02 mar. 2020.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional.** 14.ed. São Paulo: Vozes, 2012.

TOROPOV, B. **O guia completo das religiões do mundo/**Brandon Toropov e Luke Buckles; tradução Martha Malvezzi Leal. - 2 ed. – São Paulo; Madras, 2017.

UMBANDA. IN DICIO, **Dicionário Online de Português.** Porto:7 Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/umbanda/>. Acesso em: 15 fev. 2021.

VIANA, O. **Evolução do Povo Brasileiro.** 4.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 1998.